



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS,
MATEMÁTICA E LINGUAGENS

BRUNA CAROLINA BARROS DOMINGUEZ

**DISORTOGRAFIA E AS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS**

Belém – Pará

2019

BRUNA CAROLINA BARROS DOMINGUEZ

**DISORTOGRAFIA E AS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para obtenção do título de licenciada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Vilhena da Silva

Belém – Pará

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

D671d Dominguêz, Bruna Carolina Barros
Disortografia e as dificuldades de aprendizagem nos anos
iniciais / Bruna Carolina Barros Dominguêz. — 2019.
35 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Maria de Fátima Vilhena da Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Licenciatura
Integrada em Educação em Ciências, Matemáticas e Linguagens,
Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade
Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Disortografia. 2. Transtorno específico da escrita. 3.
Confusão de palavras. 4. Formação de professores. I. Título.

CDD 371.12

BRUNA CAROLINA BARROS DOMINGUEZ

**DISORTOGRAFIA E AS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria de Fátima Vilhena da Silva – Orientadora
Universidade Federal do Pará - UFPA

Profa. Dra. Elinete Raposo Ribeiro
Membro Interno - UFPA

Profa. Espec. Vera Débora Maciel Vilhena
Membro Externo – PPGDOC- IEMCI-UFPA

Data de defesa: 16 de dezembro de 2019

Conceito: EXCELENTE

DISORTOGRAFIA E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso devidamente corrigida e defendida por BRUNA CAROLINA BARROS DOMINGUEZ e aprovada pela Banca Examinadora.

Belém, 15 de janeiro de 2020.

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'M. F. Vilhena da Silva', with a long horizontal stroke extending to the right.

Profa . Dra . Maria de Fatima Vilhena da Silva (Orientadora)

Texto Final apresentado ao Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado(a) em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Maria Odali Ramos Barros e Edilson Raimundo Silva Dominguez. Os meus maiores incentivadores para buscar ser melhor todos os dias. Me ensinaram a ter valores e sempre acreditaram que eu chegaria até aqui.

Nem que eu tentasse conseguiria dizer o quão sou grata por tudo que fizeram e continuam fazendo por mim, não sou a melhor filha, mas amo-os mais que qualquer coisa no mundo. Vocês são a minha base, o meu tesouro na terra.

Obrigada Deus, por ter me dado os melhores!

Bruna

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que, sem dúvidas, foi a minha força para nunca desistir de sonhar esse sonho e realizá-lo mesmo quando tudo parecia muito difícil. Tudo eu devo a Ele, obrigada Senhor por acalmar meu coração e me lembrar que tudo é no Seu tempo.

Aos meus pais, Edilson e Lili pelo investimento durante toda a minha vida e por serem o colo quando o “não foi dessa vez” chegou, obrigada por não me deixarem desistir e sempre acreditar que eu era capaz de conseguir, sou o orgulho e vocês são tudo pra mim.

Aos meus irmãos, Bruno e Bianca que sempre torceram por mim, que compartilham as vitórias e tristezas desde o início da vida, que vibraram e choraram comigo a felicidade de passar na Federal. Eles são a minha certeza de permanência independente de tudo.

Ao Gerson Dias, por caminhar comigo ao longo desses anos, o que ouvia em qualquer hora meus choros e lamentações, sempre me incentivando e trazendo a calma que eu tanto precisava quando a vontade em largar persistia. Obrigada por não me deixar desistir, te amo.

A minha família, minha avó, minhas tias, meus tios, primos e primas que vibraram comigo quando ouvi meu nome no tão sonhado listão da UFPA, a família é a base de tudo.

À minha Orientadora, Prof. Dra. Fátima Vilhena, que abraçou meu trabalho quando ele nem existia e acreditou que eu era capaz de desenvolver uma boa pesquisa. Aprendi muito com a senhora, espero ser um pouco do que a senhora é, orgulho e muita admiração por você.

Aos professores que contribuíram durante esses quatro anos na minha formação acadêmica, tudo que aprendi foi essencial para ser a profissional que estou me tornando.

Às minhas amigas do curso, meu quarteto, que estiveram comigo nos momentos de desespero do curso, sendo colo e abrigo nessa jornada.

À Universidade Federal do Pará, a renomada que fazia parte de um sonho e que se tornou real. Grande respeito e orgulho eu tenho em falar que pertenço a ela.

Ao meu Refúgio, que estava comigo antes da graduação, e foi essencial para que eu sempre lembrasse de onde eu vim e o que eu era. Minha líder Amanda. Meus discípulos que entenderam quando eu precisei deixar tudo com eles, e aos amigos que fiz durante esses anos que se tornaram essenciais, e especialmente a Júlia, que me ajudou naquele início tão crucial.

A escola da educação básica que oportunizou pesquisarmos o problema relacionado sobre disortografia e aprender mais sobre o tema que muitas vezes passa despercebido na escola.

RESUMO

É nítido ver que problemas em relação a escrita têm crescido significativamente nas salas de aula; diversas dificuldades de aprendizagem tem surgido nas escolas e a falta de conhecimento delas tem causado prejuízos tanto para os professores que não compreendem ou por não saberem como lidar com o problema, quanto aos alunos que acabam sofrendo as consequências de um processo educativo deficiente. A disortografia está entre os transtornos que causam dificuldades de aprendizagem e leva os professores a acreditarem que o aluno disortográfico possui preguiça ou pouca vontade de aprender. Levando em conta essas questões esta pesquisa tem o objetivo geral compreender evidências de disortografia em uma aluna dos anos iniciais escolares. E como específicos: Explicar o conceito de disortografia associado às dificuldades de aprendizagem encontradas na aluna investigada no ambiente escolar; identificar as características da disortografia em exercícios ou atividades nos anos iniciais. A pesquisa se construiu ao longo de observações e intervenções em sala de aula, os dados foram recolhidos por meio de registros de bordo, conversas com a professora regente, análise de atividades, levantamento bibliográfico e vídeos para obter melhor esclarecimento sobre o tema. O início deu-se no período da disciplina de Estágio, na Universidade Federal do Pará e se estendeu na observação de uma aluna que não conseguia aprender nem acompanhar o mesmo ritmo da turma. Os resultados após análise de atividades da professora regente e as intervenções da pesquisa com atividades específicas pôde considerar que há fortes indícios de possível transtorno de disortografia na aluna pesquisada.

Palavras-chave: Disortografia. Transtorno específico da escrita. Confusão de palavras. Formação de Professores.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Foto tirada do caderno da aluna pesquisada.....	24
Figura 2. Foto tirada do caderno da aluna pesquisada.....	26
Figura 3. Foto tirada do caderno da aluna pesquisada.....	27
Figura 4. Atividade realizada pela autora com a aluna pesquisada	29
Figura 5. Continuação da atividade da figura 4.....	29
Figura 6. Foto tirada da atividade de intervenção para identificar disortografia.....	31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Tipos de disortografia e suas características segundo Torres e Fernández (2002).	13
Quadro 2. Tipos de disgrafia e suas características segundo Hudson (2019).....	15
Quadro 3. Principais características das três condições quanto à grafia.....	18
Quadro 4. Elaborada pela autora para melhor traduzir a Figura 2.....	26
Quadro 5. Atividade realizada pela autora com a aluna pesquisada.....	30
Quadro 6. Para melhor entender a figura 6.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DA DISORTOGRAFIA	11
3 DIFERENÇA ENTRE DISORTOGRAFIA, DISGRAFIA E DISLEXIA	14
4 INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS NO TRANSTORNO DA DISORTOGRAFIA DE ALUNOS	19
5 METODOLOGIA	22
5.1 O contexto da pesquisa	22
5.2 Obtenção de dados	22
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	23
6.1 Intervenções da professora em sala de aula	23
6.2 Intervenções da pesquisadora	28
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Uma criança disléxica geralmente é disortográfica devido às dificuldades que possui em reconhecer as palavras, já a criança disortográfica nem sempre é disléxica devido a essa última condição estar associada a disfunções genéticas e fatores biológicos. “A disortografia geralmente é confundida com dislexia, porém são distintas, uma vez que a criança com dislexia geralmente é disortográfica, enquanto que a disortográfica nem sempre é disléxica” (PADIAR, 2016, p. 2).

É comum até o 3º ano que crianças façam algumas confusões ortográficas, já que ainda estão iniciando este processo. Porém, quando estas dificuldades persistem, é imprescindível que haja uma avaliação mais a fundo, pois pode tratar-se de um transtorno específico da escrita. A disortografia, assim como outras dificuldades de aprendizagem, afeta de maneira significativa o aprendizado e inclusão dos alunos por esta ser um problema causador de desconforto, tanto aos próprios alunos quanto aos docentes, que muitas vezes não conseguem identificar e nem sabem como lidar com esses alunos dentro da sala de aula, contribuindo, ainda que sem intenção, para a exclusão dos mesmos.

Dessa maneira, esta pesquisa busca esclarecer algumas dúvidas acerca da disortografia e pesquisar mais a fundo sobre esse transtorno que atinge as crianças em seu processo de alfabetização, e que acaba levando o educador a apontar que a criança que tem esta dificuldade, possui pouca vontade de aprender.

A disortografia é um Transtorno de Aprendizagem Específica (TAE) e difere de outros transtornos por apresentar-se como um desvio da escrita, dificuldade em pontuar, trocar letras ou de assimilar o conteúdo.

A disortografia não é apenas decorrente de um problema de natureza pedagógica, pois, para uma criança disortográfica, palavras compostas por sílabas simples não apresentam tantas dificuldades na hora da escrita, já com as palavras maiores e complexas é possível apresentar um maior número de desacertos. Diante disso, vemos que este transtorno pode causar inúmeras situações de desconfortos dentro de sala de aula, tanto para os professores que desconhecem e não sabem como lidar ou ensinar, e principalmente para os alunos que são acometidos por ela.

O intuito desta pesquisa surgiu a partir de uma experiência vivida em uma turma de ensino fundamental I em uma instituição de ensino público, durante o período de estágio supervisionado. Nesse período notei que na sala de aula havia muita dificuldade de aprendizagem da aluna observada em acompanhar a turma durante as atividades, mais especificamente na parte da escrita e nos exercícios; também notei que a professora parecia não

entender muito bem o que se passava com as dificuldades daquela aluna posto que esta não acompanhava exercícios de produção de textos e apresentava constantes erros ortográficos. Isso às vezes levava-a de algum modo a uma forma de exclusão, pois ficava à margem das atividades escolares na sala de aula.

Devido a esse incômodo, este artigo tem como problema conhecer **como a disortografia afeta a aprendizagem das crianças nos anos iniciais escolares**. O objetivo geral deste trabalho é compreender as formas mais evidentes de disortografia que se apresentam em alunos dos anos iniciais escolares. E os objetivos específicos são: Explicar o conceito de disortografia associado às dificuldades de aprendizagem encontradas no aluno investigado no ambiente escolar; identificar as características da disortografia em exercícios ou atividades nos anos iniciais.

2 CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DA DISORTOGRAFIA

A disortografia é um transtorno de aprendizagem específico que, conforme nos dizem Döhla e Heim, 2015 (*apud* PONÇADILHA, 2016, p. 5), é caracterizado pelas dificuldades que se enfatizam na aquisição das competências da escrita e um desempenho abaixo do esperado para a sua idade e nível de escolaridade.

A disortografia pode se caracterizar pela dificuldade que o sujeito tem em fixar as formas ortográficas das palavras, tendo como característica típica a troca de grafemas, e pela dificuldade em assimilar as regras e os padrões da ortografia, tendo como consequência a dificuldade na produção de texto (PONÇADILHA, 2016, p. 8).

De acordo com Barbeiro (2007, citado por SILVEIRA, 2014, p. 118), “a disortografia é a dificuldade de escrita que compromete a aprendizagem e a automatização dos processos responsáveis pela representação ortográfica apropriada”.

Para Fernandez *et al.* (2010), a disortografia é uma modificação na estrutura da escrita, que por sua vez acaba complicando a aprendizagem do aluno e causando um transtorno na ortografia, gramática e redação. Dessa forma, segundo a definição do autor, “a disortografia, compreende um padrão de escrita que foge às regras ortográficas estabelecidas convencionalmente, que regem determinada língua” (FERNANDEZ *et al.*, 2010, p. 3).

Em vista disso, pode-se dizer que a disortografia é um déficit causado pela dificuldade em organizar ideias e também a sua produção textual, fazendo com que o aluno disortográfico apresente problemas estruturais capazes de prejudicar a sua aprendizagem. No momento que o

discente passa do nível silábico-alfabético para o nível alfabético, é normal que a escrita em desordem desapareça. Portanto, a disortografia torna-se um empecilho no processo de aquisição da escrita de maneira que o aluno não consegue transpor tal barreira.

Assim,

A caracterização da disortografia se dá pela dificuldade em fixar as formas ortográficas das palavras, que apresenta como sintomas típicos a substituição, omissão e inversão de grafemas, alteração na segmentação de palavras, persistência do apoio da oralidade na escrita e dificuldade na produção de textos (FERNANDEZ *et al.*, 2010, p. 3).

Podemos, então, dizer a disortografia como uma desordem que afeta as aptidões da escrita e que se descreve por dificuldades persistentes e recorrentes na eficiência da criança em produzir textos mesmo após o aluno passar para o nível alfabético.

De acordo com Selikowitz (*apud* CASAL, 2013, p. 41), existem três tipos de dificuldades que podem tornar a escrita incompreensível, são elas: “as dificuldades associadas à aprendizagem específica da escrita; as dificuldades associadas à caligrafia; e, por fim, a presença de um distúrbio de linguagem, em que o texto apresentado está tão repleto de erros que as frases ou as palavras entre si não fazem sentido”.

A principal característica de uma pessoa disortográfica é a “bagunça” que ele mostra com as letras, sílabas, trocas ortográficas, números misturados às letras das palavras que já foram trabalhadas em sala de aula pelo professor. Outras características principais são as inversões, junções, exclusões e desordem na organização de uma frase.

Nesse sentido,

A disortografia caracteriza-se pela falta da vontade das crianças em escrever, possui também características linguístico-perceptiva (troca de sílabas), viso espacial (substituição e omissão de letras), viso analítica (não associação dos fonemas e grafemas), erros do conteúdo (junção de sílabas de duas palavras) e erros das regras ortográficas (PENTEADO; PADIAR, 2016, p. 6).

Sampaio (2009, p. 129) retrata algumas características de indivíduos que apresentam situações de disortografia, são elas:

- Trocas de letras que se parecem: *faca/vaca, chinelo/jinelo*;
- Confusão de sílabas: *encontraram/encontrarão*;
- Adições: *ventitilador*;
- Omissões: *cadeira/cadera, prato/pato*;
- Fragmentações: *em saiar, a noitecer*;

- Inversões: *pipoca/picoca*
- Junções: *no meiodatarde, voltarei maistarde.*

Para uma análise melhor dos tipos de Disortografia, elaboramos uma tabela de acordo com as pesquisas de Torres e Fernández (2002) sobre os 7 tipos de Disortografia (Quadro 1).

Quadro 1. Tipos de disortografia e suas características segundo Torres e Fernández (2002)

	TIPOS DE DISORTOGRAFIA	ANÁLISE
1	Temporal	O sujeito não tem uma visão evidente dos aspectos fonéticos da sequência falada com a ordenação e separação dos elementos.
2	Perceptivo-sinestésica	Centra-se na incapacidade do indivíduo em repetir os sons, verificando as substituições no modo de articular os fonemas.
3	Cinética	Percebe-se uma deformação de ordenação e sequenciação dos elementos gráficos gerando erros de união – separação;
4	Visuo-espacial	É a modificação perceptiva da imagem dos grafemas;
5	Dinâmica	Verifica a mudança na expressão escrita das ideias e na estrutura sintática das proposições;
6	Semântica	A análise é indispensável para o estabelecimento dos limites das palavras;
7	Cultural	É onde o aluno apresenta dificuldade na aprendizagem da ortografia convencional;

Fonte: Elaborada pela autora, 2019, adaptado de Torres e Fernández (2002).

3 DIFERENÇA ENTRE DISORTOGRAFIA, DISGRAFIA E DISLEXIA

O termo “Dificuldade de aprendizagem” integra qualquer problema de aprendizagem que uma criança venha apresentar, sendo ele específico do aluno ou ocasionado por outros motivos, como uma estrutura ou aprendizagem indevida. Porém, algumas dessas dificuldades são chamadas de “dificuldades de aprendizagem específicas” por possuírem especificações exclusivas, como é o caso da disortografia, disgrafia e dislexia.

Alguns transtornos podem acontecer durante o processo de aprendizagem da linguagem oral ou da linguagem escrita. Porot (1979) subdivide distúrbios que acontecem na linguagem oral como sendo distúrbios de expressão oral e distúrbios de compreensão verbal. Na expressão oral, o autor diz que todo distúrbio na linguagem oral faz referência a inexistência da palavra, na sua forma de articular, nas deformações ou modificações, sua forma de escrever que muda seu valor semântico. Na compreensão verbal, se limita a compreensão ou incompreensão, ou seja, está mais relacionado ao significado, ou ao sentido da palavra, logo à mais cognitiva.

Durante o processo de aquisição da linguagem é possível que surjam alguns distúrbios de aprendizagem, tais como a “disortografia” e “disgrafia”; na maioria das vezes esses distúrbios acabam sendo confundidos ou interpretado como um só, o que não condiz com a realidade. Desta maneira, se faz necessário entender o conceito de cada distúrbio para compreender como eles se desenvolvem, as suas causas e características.

Etimologicamente, disortografia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “orto” (correto) + “grafia” (escrita), ou seja, é uma dificuldade manifestada por “um conjunto de erros da escrita que afetam a palavra, mas não o seu traçado ou grafia” (VIDAL, 1989, *apud* TORRES E FERNÁNDEZ, 2001, p. 76).

Como a disortografia é um desvio da grafia correta, é válido falar que ela não possui necessariamente uma relação com a disgrafia, haja vista que uma criança disgráfica possui o que chamamos de “letra feia”, o que percebemos tratar-se de duas coisas diferentes, uma vez que a disortografia expressa-se numa escrita que não precisa ser estritamente disgráfica, mas com vários erros expressos no processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

A disgrafia provém do conceito “dis” (desvio) + “grafia” (escrita), ou seja, é “uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia” (TORRES; FERNÁNDEZ, 2001, p. 127).

O aluno que é acometido pelo transtorno da disgrafia além de fugir da regra padrão da escrita, faz com que o traçado da letra seja praticamente indecifrável, esta forma da escrita ocorre principalmente pela dificuldade em fixar ou trazer a memória a forma considerada

correta da escrita. Assim sendo, “a ‘letra feia’ é consequência das dificuldades para recordar a grafia correta para representar um determinado som, ouvido ou elaborado mentalmente” (MAFRA *apud* CONFORTIN, 2007, p. 29).

A disgrafia, é uma dificuldade de aprendizagem específica que “afeta a escrita a mão e conversão de pensamentos em palavras escritas” (HUDSON, 2019, p. 70). Apesar desta dificuldade, os alunos disgráficos estão contidos na faixa etária ‘normal’ quando medido o nível da sua inteligência; a luta enfrentada por eles é sobre colocar as suas ideias no papel.

Hudson (2019, p. 71) definiu a disgrafia e seus sintomas em 3 tipos. (Quadro 2)

Quadro 2. Tipos de disgrafia e suas características segundo Hudson (2019)

Espacial	Processamento visual e compreensão do espaço deficientes. Isso causa dificuldade tanto para escrever em linha reta como no espaçamento das letras. Ações como desenhar e colorir também são afetadas. Tanto o trabalho copiado como o original são desorganizados e podem ser ilegíveis. A ortografia é normal.
Motora	Controle motor fino dos músculos da mão e do punho deficiente, o que torna a escrita difícil e cansativa e geralmente resulta em caligrafia desalinhada ou ilegível mesmo ao copiar. A ortografia não é afetada.
Processamento	Também chamada de disgrafia disléxica, esta é dificuldade em visualizar a aparência das letras em uma palavra, o que resulta em letras malformadas e na ordem errada quando escritas. O trabalho original escrito é ilegível, mas o trabalho copiado é razoavelmente bom. A ortografia é ruim.

Fonte: Elaborada pela autora, 2019, adaptado de Hudson (2019).

Diante do quadro acima podemos observar que a um aluno acometido pela disgrafia pode possuir características diversas que vão depender do tipo de disgrafia enfrentada pelo aluno, podendo ser espacial, motora ou de processamento. Hudson (2019) afirma ainda que é comum que o aluno tenha dois tipos de disgrafia ou mesmo uma combinação entre eles.

❖ Espacial:

- Não escreve nas linhas
- Não é capaz de seguir margens.

- Problemas na organização de palavras da esquerda para a direita.
- Espaço incoerente entre palavras e letras, muito próximas ou distantes.
- Letras de tamanho, formato e inclinação irregulares.
- Dificuldade para ler mapas ou seguir instruções.

❖ **Motora:**

- A escrita é muito ruim e difícil de ler
- Escrita muito lenta, tanto original como em cópia do quadro-negro ou de um livro
- Fica cansado rapidamente ao escrever
- Pode sofrer de câibras dolorosas quando escreve por longos períodos.
- Aperto de caneta e posicionamento da mão anormais
- Outras habilidades que envolvem o controle motor fino afetadas, como abrir botões ou manipular equipamentos científicos.

❖ **Processamento:**

- O ato físico de escrever exige muita concentração, de modo que o aluno é incapaz de processar informações ao mesmo tempo em que escreve.
- Dificuldade em lembrar como formar algumas letras.
- Algumas letras ficam inacabadas ou escritas ao contrário.
- Mistura de letras de forma e manuscrita na mesma linha.
- Omissão de letras ou palavras inteiras, ou repetição de letras ou palavras.
- Pontuação e ortografia muito erráticas.

A dislexia, por sua vez, é a dificuldade de aprendizagem que muito se associa a disortografia e a disgrafia por apresentar características muito parecidas a elas; segundo Hudson (2019), os indivíduos que possuem dislexia também têm uma dificuldade com a linguagem escrita e por este motivo tem problemas de leitura, escrita e ortografia.

O termo dislexia deriva do grego, “dis” significa dificuldade e “lexis” significa palavra, então dislexia é definida como “dificuldade com as palavras”. Esta dificuldade pode ser descoberta “devido a uma discrepância entre a boa capacidade oral de um aluno e seu desempenho medíocre ou ruim no papel” (HUDSON, 2019, p. 27). Por isso, estar atento ao desempenho do aluno é fundamental para a possível descoberta de uma criança disléxica.

A dificuldade geralmente pode ser associada ao de origem genética e pode ser identificado devido a erros considerados bobos, devido a uma má interpretação de perguntas ou instruções. Há autores que analisam a dislexia e a disortografia em conjunto, pois uma criança com dificuldades ao nível da leitura vai com certeza revelar, também, problemas ao nível da escrita.

Geralmente, no momento em que são feitos testes para verificar o intelecto da criança disléxica, esta “apresenta desempenhos superiores nas funções não verbais” quando estas são igualadas às funções verbais. Também “demonstra, ainda, insegurança e baixa autoestima, culpabilizando-se e sentindo-se, muitas vezes, triste.” O que faz com que diversas crianças neguem-se a fazer as atividades que estão atreladas à leitura e até a escrita “com medo de revelarem os erros que cometem” (COELHO, 2013, p. 5).

Os autores Coelho (2013), Torres e Fernández (2001) e Hudson (2019) apresentam algumas características que fazem com que esses transtornos sejam parecidos na sua forma ortográfica; estes podem ser vistos no quadro 3.

Quadro 3. Principais características das três condições quanto à grafia

DESCRIÇÃO	DISORTOGRAFIA	DISGRAFIA	DISLEXIA
Erros ortográficos (acentuação, pontuação, trocas silábicas de escrever como escuta)	X		X
Não consegue decodificar para escrever uma palavra. Escreve errado, mas lê correto.			X
De origem genética			X
Motora e Espacial		X	
Resistência ao aprender e retirar do quadro, compreender o que está no quadro.	X		X
Habilidades especiais nas artes e músicas. Facilidade para decorar e decodificar.			X
Letra feia	X	X	
Pode ocorrer inversão de letras	X	X	X
Confusão de consoantes	X	X	X
Dificuldade em copiar do quadro	X	X	X
Escrita lenta	X	X	
Fragmentação e junções	X	X	X

Fonte: Elaborado pela autora, 2019. Adaptado de Coelho (2013), Torres & Fernández (2001) e Hudson (2019).

4 INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS NO TRANSTORNO DA DISORTOGRAFIA DE ALUNOS

É cada vez mais comum uma criança acometida por algum problema de aprendizagem específico não conseguir avançar juntamente com outras crianças por falta de estímulo ou pelos professores não saberem identificar o transtorno da disortografia na criança. (PONÇADILHA, 2016, p. 4) afirma que “muitas crianças, não raras vezes, ficam presas num determinado ponto do processo de ensino-aprendizagem, mostrando-se incapazes de prosseguir, com maestria, o seu percurso escolar, que deveria ser de motivação e de prazer.”

A falta de conhecimento sobre o assunto o docente pode levar o aluno disortográfico a sua exclusão em sala de aula, ou seja, não há a devida atenção para o problema. Isso contribui para o não avanço do mesmo, podendo até comprometer a sua aprendizagem.

A esse respeito Santos e Pereira (2012) afirmam:

Os professores ao depararem com crianças que não satisfazem aos planejamentos e a seus instrumentos de controle acabam rotulando, e até às vezes menosprezando essa criança sob o argumento de ser uma criança problemática ou hiperativa. Ao passar os seus conflitos para os gestores acabam recebendo orientações divergentes com a situação. Esse jogo de falta de conhecimento provoca nos professores e gestores um ambiente de incompetência e alienação (SANTOS E PEREIRA, 2012, p. 3).

Nesse caso é cada vez mais comum professores adotarem o comportamento de excluir ou limitar o aluno que não atinge o objetivo a procurarem um conhecimento mais aprofundado ou acompanharem as atividades comuns da sala de aula. Quando esse fato acontece, o desinteresse em ajudar os alunos disortográficos acaba deixando qualquer responsabilidade em solucionar problemas relacionados às dificuldades de aprendizagem aos psicólogos e psicopedagogos do atendimento especial ou à sala multifuncional.

Uma grande parte dos alunos tem a escola como ponto essencial nesse processo da linguagem escrita, porém, atualmente ainda existem muitas metodologias de alfabetização que não usufruem das técnicas de correção e ensino e, assim, prendem os alunos em uma situação de total desconhecimento da ortografia ou problemas relacionados à disortografia (FERNANDEZ *et al.*, 2010). A nosso ver, é preciso a escola estar atenta e comprometida com os avanços na aprendizagem do aluno e se os professores e educadores conhecerem melhor os problemas que envolvem a questão da ortografia poderá dar melhor atenção àqueles com maiores dificuldades nesse campo de estudo.

Para falar sobre a inclusão de casos de alunos com dificuldades de aprendizagem, é preciso primeiramente ter um olhar para o aluno que não possui dificuldades e o que facilita a sua forma de aprendizado. Assim, quando surgir uma possível causa de disortografia, iremos enxergar através de uma avaliação mais detalhada no que a criança se difere das outras pelos detalhes que apresenta no seu comportamento em sala de aula.

Nessa ótica, “quando suspeitamos que uma criança pode ter disortografia deveremos produzir uma avaliação estruturada para integrar as vertentes neuropsicológicas (lateralidade, percepção, psicomotricidade) assim como as competências psicolinguísticas (sintaxe, semântica, fonologia)” (AFONSO, 2010, p. 40).

Para tanto, é importante que haja a participação da escola com seus professores e técnicos e da família, em conjunto, no sentido de contribuírem para que os alunos disortográficos sejam capazes de superar as dificuldades vividas na classe, tanto pelo atraso dele em relação aos alunos da turma, quanto pela sua forma de aprender a lidar com a dificuldade que enfrenta. A partir disso, Afonso (2010) afirma que:

O desempenho destas crianças melhorará se existir uma cooperação casa/família através de contacto regular entre pais e professores. Os pais devem reforçar a autoestima acreditando que os seus filhos têm potencialidades e conseguirão superar o problema (AFONSO, 2010, p. 40).

Sendo assim, é papel do professor ou da escola incentivar a percepção e memória visual do aprendente. Silveira (2014) indica que fazer uso dos recursos como cartazes de números e letras para trabalhar com os alunos e elogiar as suas produções, principalmente quando escrever, ajuda a levantar a sua autoestima. Portanto,

É importante que o docente observe as trocas mais frequentes que o aluno apresenta, assim, poderá planejar e realizar atividades mais diretas, relacionadas a essas dificuldades. Trabalhar o lúdico, incentivar a brincadeira, o jogo e a música, desta forma a criança tende a se interessar pela atividade (SILVEIRA, 2014, p. 119).

O referido autor também indica a sugestão para ajudar alunos é não “tratar as dificuldades de aprendizagem, como algo sem solução, e sim como um desafio diário que é parte deste processo. Identificar precedentemente a complexidade, para que sejam tomadas as medidas mais adequadas, evitando assim o sofrimento prolongado do aluno”. (SILVEIRA, 2014, p. 120).

Sendo assim,

“A escola tem, deste modo, a tarefa de apetrechar o aluno com técnicas de produção de texto, que são, repetidas vezes testadas, como o reconto de fatos, a descrição de personagens, contexto social, temporal e espacial, o resumo de ideias ou fatos de um texto e a criação de textos livres a partir de um tema, título ou dados selecionados” (CASAL, 2010, p. 30).

Portanto, valorizar todos os processos de aprendizagem do aluno disortográfico são essenciais para que ele possa ter um bom rendimento, desenvolvimento e desempenho escolar e social. Além disso, “a avaliação da ortografia deve trazer informações do nível ortográfico que a criança se encontra, revelando quais são os tipos de erros ortográficos e sua frequência de ocorrência na escrita” (FERNANDEZ *et al.*, 2010, p. 9).

Principalmente, trabalhar a relação entre os conteúdos já ensinados aos que estão ensinando, além da inclusão do aluno aos demais alunos da turma, a fim de proporcionar um trabalho consciente e promotor de satisfação e bem-estar de todos.

5 METODOLOGIA

5.1 O contexto da pesquisa

O presente trabalho surgiu a partir das observações em sala durante a disciplina de Estágio Supervisionado, no período de abril a junho de 2019 durante 10 horas por semana. Nesse período observei a turma do 4º ano de uma escola pública em Belém-Pará com um projeto de pesquisa para saber os níveis de dificuldades de aprendizagem. Notei que de 29 alunos dessa turma, aproximadamente quatro a cinco ainda se encontravam no processo de alfabetização escolar. Desses, observei com mais afinco uma aluna chamada Maria (nome fictício) de 10 anos de idade, sem laudo médico e que era acompanhada pelo serviço do AEE (Atenção Educação Especial) da escola.

Durante a pesquisa, no estágio, foi notável que o mais comum na turma eram crianças com características disléxicas; porém Maria apresentava outras características e essa condição me levou a estudar a disortografia, em um estudo mais aprofundado de caráter exploratório. Uma pesquisa exploratória, de acordo com Oliveira (2010), “requer um consistente levantamento bibliográfico, análise de documentos, observações de fatos, fenômenos e o procedimento metodológico que se aplica ao método de estudo de caso” (Oliveira, 2010, p. 66).

5.2 Obtenção de dados

Esta pesquisa foi direcionada por observações, registros diários acadêmicos, conversas com as professoras da aluna, uso de vídeo, exercícios ou atividades com o objetivo de identificar os problemas da aluna pesquisada. Para complementar as análises, foi realizado um levantamento bibliográfico na internet com palavras-chave como disortografia, dislexia, disgrafia; algumas acrescidas de outras palavras que tivessem relação com o tema e os objetivos da pesquisa. Ao longo do levantamento bibliográfico verifiquei muitas dificuldades, porque os estudos sobre disortografia, no Brasil, estão geralmente associados à dislexia. Durante a pesquisa, diversos artigos achados no site Scielo constataram que a maioria são decorrentes de fontes internacionais, porém existem alguns já de cunho nacional. Todavia, utilizando o Google Acadêmico e google.com.br pude obter artigos sobre o foco desta pesquisa. Para completar as fontes bibliográficas também foram utilizados livros de autores pesquisadores na área.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Nesta seção apresento os resultados obtidos por meio de observações associando os dados com a literatura pertinente ao tema. Apresento duas partes, a primeira relacionada às atividades ou intervenções pedagógicas da professora em sala de aula, a segunda diz respeito às observações mais específicas da aluna Maria e as atividades sugeridas para que as resolvesse em sala de aula.

6.1 Intervenções da professora em sala de aula

Durante os exercícios em sala de aula, a professora colocava no quadro a atividade do livro didático para que fosse realizada individualmente; nessa condição eu notava que Maria (a aluna pesquisada, via aquilo como um desafio quase impossível de realizar. Isso muitas vezes fazia com que a atitude da maioria dos colegas de classe, a professora e outros responsáveis pela aluna tratavam o problema ou o transtorno como “preguiça”.

Mas, é sabido que um dos papéis da escola deve ser o de compreender os problemas ou dificuldades de aprendizagem dos alunos para ajudá-los no seu processo de aprendizagem e possibilitar seu avanço, ao invés de emitir opiniões sem cabimento ou rotular as pessoas, caso contrário se não houver essa compreensão o retrocesso será definitivamente o fim dessa pessoa na escola. Corroborando com isso pode-se dizer que “É necessário procurar entender os problemas de aprendizagem não somente sobre o que se está fazendo, mas também sobre como se aplica” (SILVEIRA, 2014, p. 120).

A escola, como um dos principais responsáveis pelo aprendizado dos alunos, também precisa se dispor a entender o que se passa na vida e família, pois o aluno é um ser humano com suas diversas realidades e problemas que precisam ser entendidos, atendidos e solucionados, pelo menos na parte educacional.

Dessa maneira vemos que é necessário que os professores saibam como despertar o interesse da aluna para que ela se sinta entusiasmada, ao invés de rotular a aluna de preguiçosa, pois “o aluno precisa sentir-se atraído por ele, pelo saber, pelos seus colegas de classe; precisa estar motivado e sentir prazer também ao estudar e aprender” (FELTRIN, 2004, p. 99).

Notava que a professora da classe mostrava-se competente para intervir junto aos alunos “normais” com exercícios adequados para que pudessem resolvê-los, fazia perguntas, questionava sobre seus conhecimentos prévios, e suas atividades de modo geral eram interdisciplinares, no entanto ao que se refere à Maria, o caso explorado nesta pesquisa, as intervenções da professora deixavam a desejar; sua ajuda era copiar a atividade no caderno da

aluna, mas a resolução ficava sem a devida atenção já que os problemas que identificava em Maria eram múltiplos como a disortografia e dislexia.

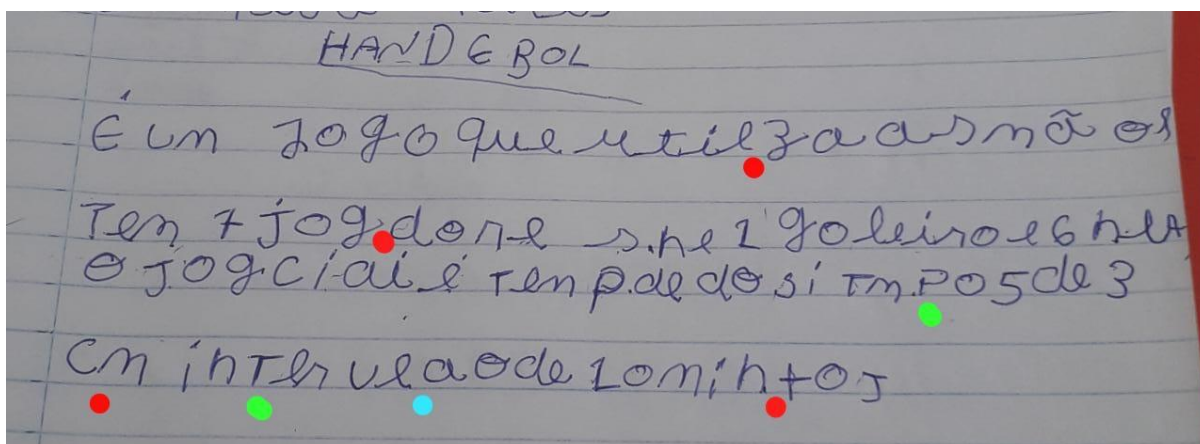
A professora parecia não se importar com esse problema o que deixava Maria sem fazer nada, pois ela ficava esperando um tempo da professora para vir com ela ajudá-la a entender o que queria que fizesse.

Maria demorava demais para copiar do quadro a atividade proposta, mas, como demorava muito e não copiava corretamente dado seu problema com disortografia, algumas vezes a professora vinha até ela e terminava a cópia do quadro, mas sem a atenção especial merecida.

Assim, é certo que “a correspondência letra-som não consegue ser armazenada provocando leitura e escrita lenta, confusão entre palavras similares tanto na leitura como na escrita e alteração na compreensão da leitura e escrita ineficiente” (FERNANDEZ *et al.*, 2010, p. 3).

Nos exercícios de matemática com “continhas” ou exercício de português a professora parava algumas vezes para vir com a aluna e tentar ajudá-la, enquanto isso o restante da turma ia fazendo o que estava sendo previsto. Nos exercícios realizados pela Maria eu percebia que a mesma apresentava o transtorno da disortografia, pois segunda as leituras feitas nos artigos e livros, pude comparar o que li com o que vi na sala de aula. Maria dizia que gostava de matemática, porém quase sempre dava respostas erradas devido a parte da interpretação da questão. Também, escrevia as palavras com muitos erros ortográficos como pode-se notar no ditado passado em sala no exercício a seguir (Figura 1).

Figura 1. Foto tirada do caderno da aluna pesquisada.



Fonte: A autora (2019)

Pontos para identificar as cores, vermelho: omissão; verde: confusão de letras; azul: inversões.

1º frase: É um jogo que utiliza as mãos

2º frase: tem 7 jogadores, sendo 1 goleiro e 6 na quadra.

3º frase: o jogo (não consegui identificar) de dois tempos de 30 minutos

4º frase: com intervalo de 10 minutos.

Como podemos ver, neste exercício passado em sala pela professora, Maria apresenta problemas com a troca, substituição e a falta de letras em suas palavras.

- Inversões: *intervlao/intervalo*;
- Omissão: *utilza/utiliza, jogdores/jogadores, cm/com, mintos/minutos*;
- Junções: palavras escritas com ou sem espaçamento devido em todo o texto;
- confusões: letras minúsculas e maiúsculas dentro das palavras: *inTervalo, TemPo*;

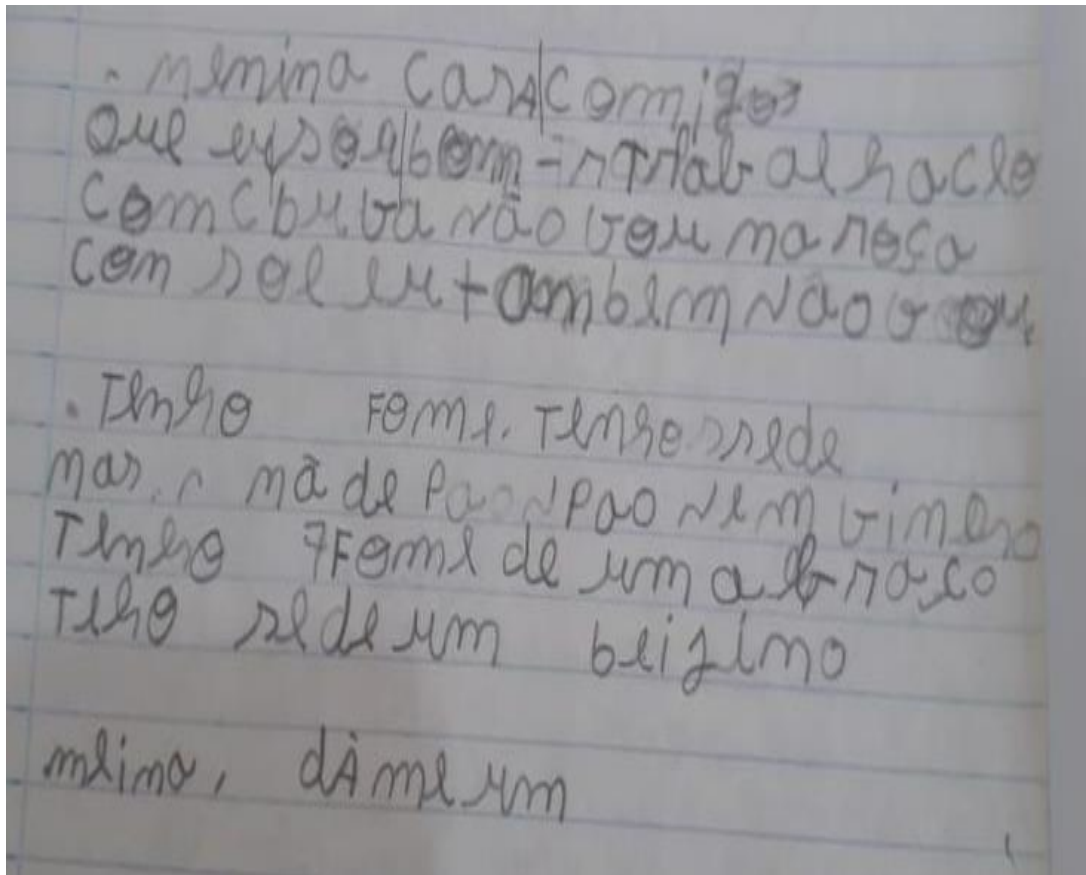
Maria também ao tentar escrever a palavra ‘sendo’ acaba por escrever ‘sne’ esquecendo o resto da frase e fazendo a troca de lugar das letras que escreveu. Maria também escreveu letras aleatórias que não foram possíveis de identificar.

Nesta atividade, a professora fez um ditado em sala, e pôde-se perceber a quantidade de erros ortográficos encontrados por Maria e principalmente a ausência de espaço da aluna ao escrever texto, não se importando em separar ou juntar mais as palavras para um melhor entendimento. Casal (2001, p. 46) apoia essas características falando que “problemas na formação de palavras, distribuição das frases ou do texto na folha, repetições, omissões, pontuação incorreta ou inexistente, erros no uso de maiúsculas e minúsculas, escrita em espelho e a escrita da esquerda para a direita”.

Ao observar a escrita de Maria, notava-se que a aluna não tinha percepção alguma de espaço, isso era constatado no momento em que a mesma escrevia uma frase ou até mesmo uma palavra, já que separava quando não deveria, e juntava também na mesma medida.

Vemos de forma clara mais um exemplo dessa confusão de palavras quando a aluna escreve dois trechos de músicas, sendo elas “Menina casa comigo?” e “Minha grande amiga”, que foram lecionados pela professora, que por apresentar este emaranhado de letras, exhibe uma estrutura desorganizada, deixando praticamente impossível saber que se trata de duas letras de músicas, haja vista que pelo espaçamento inadequado a mesma desordem falada anteriormente se repete, o que torna algumas partes das letras escritas indecifráveis. Podemos observá-las na Figura 2.

Figura 2. Foto tirada do caderno da aluna pesquisada



Fonte: Caderno da aluna (2019)

Quadro 4. Tradução da escrita da aluna mostrada na figura 2.

Menina Casa Comigo?	Minha Grande Amiga
Menina casa comigo	Tenho fome e tenho sede,
Que sou trabalhador	Não de pão e nem vinho
Com chuva não vou na roça	Tenho fome de um abraço
Com eu também não vou	Tenho sede de um carinho.

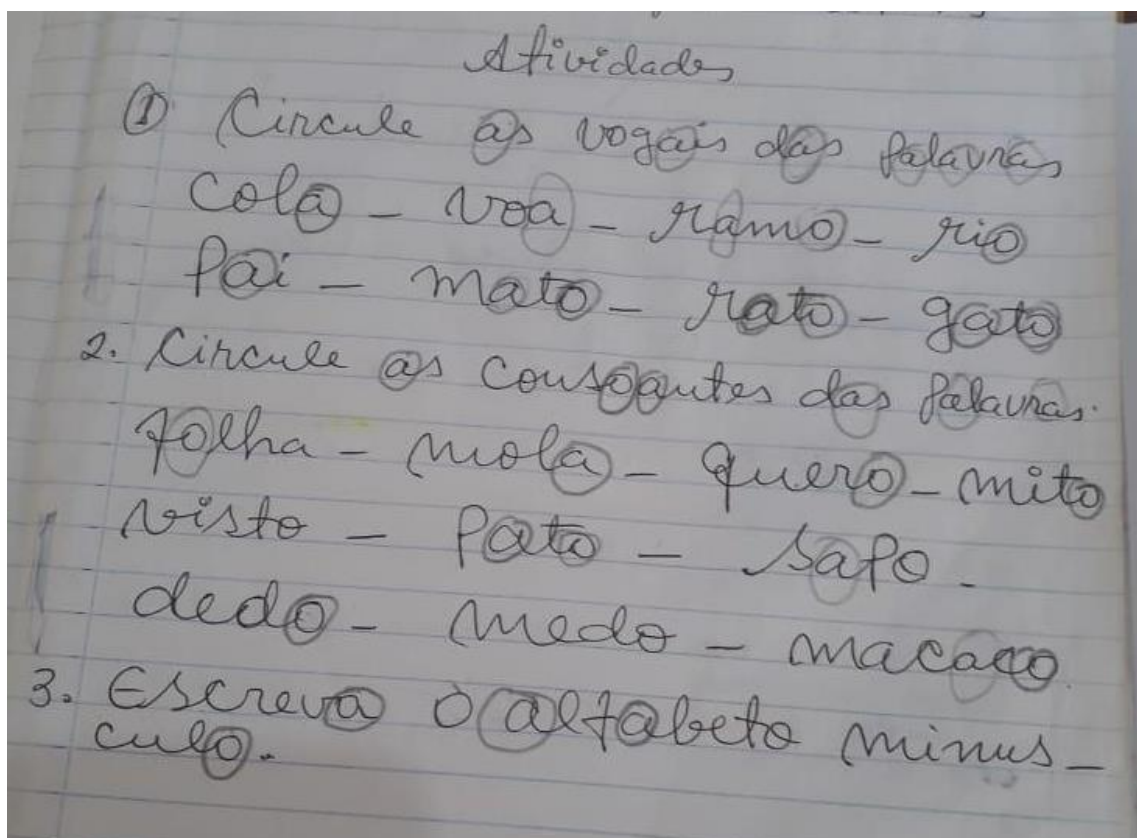
Fonte: A autora (2019)

A professora copiou os dois textos no quadro, e pediu que os alunos os copiassem no caderno. Quando olhei o caderno da aluna, fica ainda mais fácil perceber que Maria persiste nos mesmos erros vistos na atividade anterior, mostrando sinais de disortografia, já que esta se

caracteriza pela produção de textos curtos, desorganizados e com erros ortográficos, o que conseguimos observar com clareza em Maria nos exercícios mostrados na imagem acima.

No exercício passado para a turma com o objetivo foi saber se os alunos conseguiam identificar as vogais foi notada a dificuldade de Maria em não perceber o comando da atividade pois ela observou a presença das vogais em todo o corpo do texto incluindo o comando. (Figura 3)

Figura 3. Foto tirada do caderno da aluna pesquisada.



Fonte: Caderno da aluna (2019)

O comando da atividade foi copiado pela professora regente, e neste exercício foi pedido a Maria que circulasse as vogais das palavras, Maria circulou corretamente as vogais (a) e (o), porém, não circulou todas, esquecendo do restante delas. Também não circulou as vogais (e), (i) e (u), não percebendo a presença das outras vogais.

Maria também não se atentou para o que deveria ser feito na segunda questão passada pela professora, esta pedia para que circulasse dessa vez as consoantes das palavras, porém Maria continuou circulando as vogais que mandava a questão anterior.

6.2 Intervenções da pesquisadora

Durante minhas pesquisas de observações da aluna Maria foi perceptível ver que a exclusão, mesmo sem esta intenção de acontecer, era uma realidade que prevalecia em grande parte do tempo que estive presente na sala de aula, pois ao mesmo tempo em que a aluna apresentava dificuldades de Aprendizagens específicas, no caso relacionada à ortografia, a professora e a equipe escolar desconhecia o problema e por isso não sabia como auxiliar, motivar ou incentivar Maria.

A exclusão acontecia principalmente nas atividades trabalhadas em sala pela professora, como ditados ou até mesmo de corte e colagem. A professora trazia à turma bastante didática e domínio do conteúdo nas aulas em geral, geralmente trabalhava o conhecimento prévio dos alunos e ótima em ensinar seus alunos, mas com Maria não acontecia da mesma maneira, pois tentava incluir Maria ensiná-la da mesma forma como fazia com os outros alunos da sala, o que fazia Maria parecer que não tinha interesse em aprender.

A meu ver, há falta de informação e conhecimento da maioria dos professores em saber lidar e identificar que o problema da criança em não conseguir aprender pode ir muito além do que podemos imaginar, e que muitas vezes tal problema é decorrente de inúmeros outros, podendo ser por algum fator congênito ou adquirido.

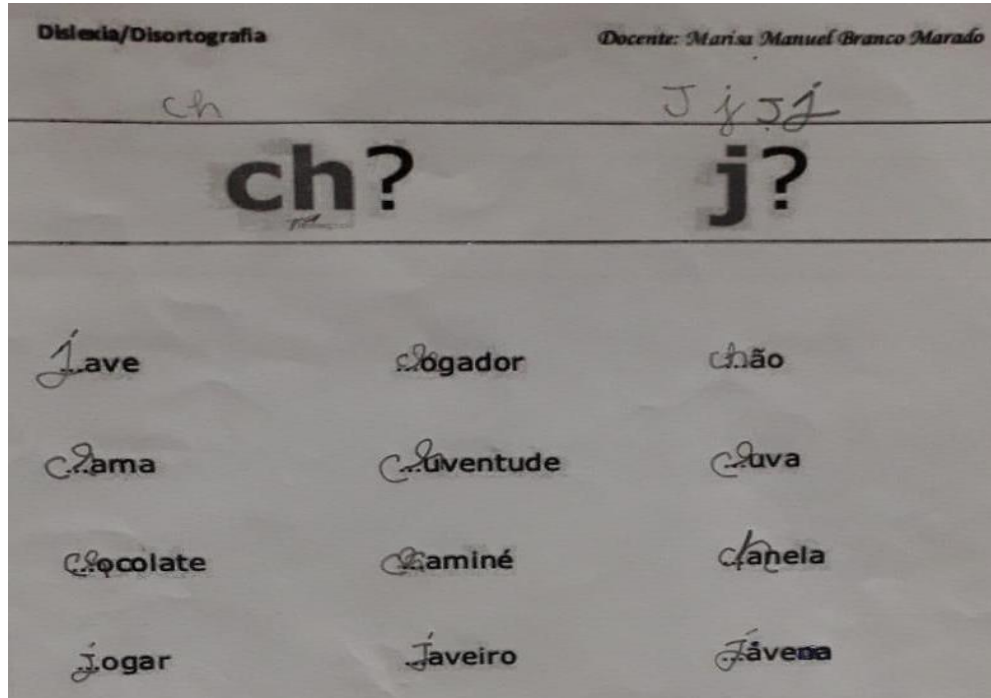
Por conta desse assunto ainda por ser pouco estudado e divulgado, torna-se difícil saber como identificar e ajudar crianças acometidas pelo transtorno, e por isso não se tem muitos resultados sobre intervenções pedagógicas. Por este motivo, o propósito deste trabalho em conhecer mais a fundo sobre as formas mais evidentes em casos de disortografia na escola de pesquisa e perceber na prática a relação entre aluno e professor, e as intervenções que podem ser realizadas para ajudá-los em sala.

As atividades feitas com a aluna aconteceram em uma sala de aula cedida pela escola, mas de maneira informal, a fim de que a aluna se sentisse mais à vontade com os exercícios. Para que a criança se sentisse motivada a participar da pesquisa, foi falado que ela havia sido escolhida dentre todos os alunos da classe para participar de um trabalho para a faculdade e se ela gostaria de me ajudar. A reação da criança foi positiva e ela prontamente disse que sim, o que contribuiu para que ela prestasse bastante atenção ao que estava sendo pedido nas atividades e um melhor resultado de pesquisa.

O objetivo de fazer uma intervenção foi para tentar identificar qual seria o possível problema de Maria, visto que a aluna não possui laudo. Para isso, levei uma atividade específica para alunos que possuem o transtorno da disortografia da professora Marado* para saber como

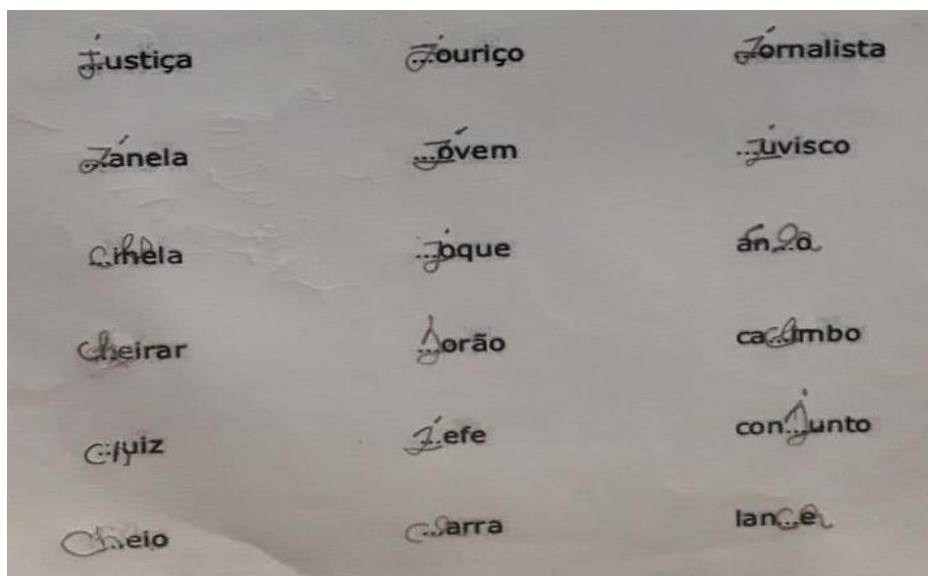
seria resolução do exercício feito por Maria, e assim, comparar a literatura estudada com a prática na aluna, e então poder perceber algo que tivesse ligação ao transtorno da disortografia (Figura 4).

Figura 4. Atividade realizada pela autora com a aluna pesquisada.



Fonte: *Professora Marisa Manuel Branco Marado <<https://pt.slideshare.net/Fmbmrd/exercicios-dislexia-disortografia>>

Figura 5: Continuação da atividade da figura 4.



Fonte: *Professora Marisa Manuel Branco Marado <https://pt.slideshare.net/Fmbmrd/exercicios-dislexia-disortografia> (2019)

Na atividade levada para aluna era proposto que se colocasse ‘C’ ou ‘CH’ para completar determinada palavra. Como se pode observar a aluna não soube colocar corretamente a letra que consistia a determinada palavra, tendo tido muitos erros, mas o que me chamou atenção foi como ocorre a troca de letras que se parecem semelhantes no ouvir, o que defende (SAMPAIO, 2009). Percebi que a aluna não tinha dificuldades para escrever palavras que não tinha um som parecido, como “chocolate”, em que escreveu corretamente, mas a troca acontecia quando a aluna não conseguia diferenciar o som de uma palavra que ela considerava parecida. Na tabela 5 pode-se observar palavras que a aluna teve dificuldades em escrever e outras que não tinha dúvidas que a grafia estava correta:

Quadro 5. Atividade realizada pela autora com a aluna pesquisada.

Aconteceu a troca de letras	Sem dificuldades, grafia correta
Chave: Jave / Chaveiro: javeiro	Chocolate: Chocolate / jovem: jovem
Jogador: Chogador / anjo: ancho	Chama: Chama / Janela: Janela
Juventude: Chuventude	Chão: Chão / Justiça: Justiça

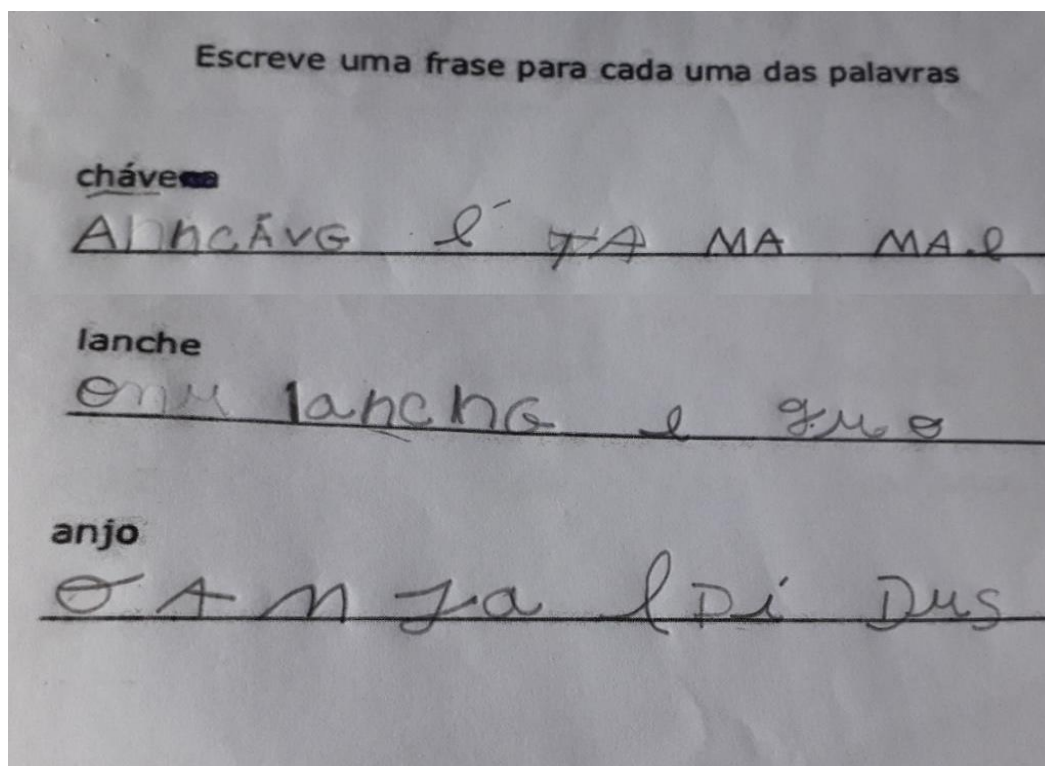
Fonte: A autora (2019)

Ficou claro que a aluna teve maiores dificuldades e erros ortográficos com as palavras que deveriam ser escritas com CH, porém escritas com J. Dentre as palavras que começam com a letra J ocorreu a troca contrária apenas duas vezes, sendo estas nas palavras “jogador” e “anjo”, ambas escritas por Maria com CH.

Maria não demorava muito para preencher os espaços na atividade pelas letras, mas errava a sua grafia quando falava e acaba ouvindo sua própria pronúncia de forma confusa, assim percebi que a maioria dos erros em trocar a letra foi pela sua fonética. Isso aconteceu na maioria das palavras lidas em voz alto por Maria.

Continuando esta atividade, foi pedido a Maria que formasse uma frase com a palavra descrita na atividade (figura 5), nesta atividade estavam contidas algumas palavras e foi pedido a Maria que escolhesse duas palavras para então escrever.

Figura 6. Foto tirada do caderno da aluna para identificar disortografia.



Fonte: *Professora Marisa Manuel Branco Marado <https://pt.slideshare.net/Fmbmrd/exercicios-dislexia-disortografia> (2019)

Na atividade da figura 6, Maria formou uma frase com a palavra chave (palavra acentuada devido a grafia de outro país). Pode-se notar os erros ortográficos que Maria apresentou no decorrer da atividade, a troca de letras, o espaçamento entre as letras e de uma palavra para outra, além da mistura entre letras maiúsculas e minúsculas.

Quadro 6. Para melhor entender a figura 6.

O que quis escrever:	O que escreveu:
A chave é da mamãe	A hcvg é ta ma mae
O lanche é gostoso	O lanchg e guo
O anjo é de Deus	O anjo e di Dus

Fonte: A autora (2019)

Na atividade é possível perceber:

- A omissão em: Deus/Dus

- A troca em: anjo/anja; chave/hcave; lanche/lanhg;
- A separação em: ma mae
- A falta de acentuação: e/é
- A aluna escreveu a palavra como se fala: de/di; da/ta;

É importante lembrar que a aluna colocou o ‘g’ em vez da letra ‘e’ no final da palavra da primeira frase (chave/hcvg) devido a fonte da letra, que acreditou ser um g mesmo que não fizesse sentido.

A psicóloga Nádía Bossa reforça a ideia de que a criança disortográfica apresenta também problemas associados à percepção do espaço (visualizado no YouTube em 20 de novembro de 2019). Tais problemas puderam ser observados em todas as atividades feitas por Maria.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi discutido neste trabalho, a disortografia é um transtorno específico da escrita que apresenta dificuldade na troca e omissão de letras, pontuação, assimilação de conteúdo e principalmente um desvio da leitura e escrita.

Por isso, a responsabilidade para a melhora de um aluno disortográfico não é somente do professor, ele deve sim estar ligado diretamente nesse processo, mas juntamente com a participação da família e das outras pessoas ligadas diretamente ao aluno. Cabe ao professor identificar, o quanto antes, através das atividades realizadas e do comportamento do aluno em sala, se ele apresenta transtornos durante a leitura e escrita nas atividades.

A família deve contribuir juntamente com o professor nesse processo, sendo uma das principais mediadoras para assim colaborar com o desenvolvimento do ensino-aprendizagem do aluno procurando ajuda de um psicopedagogo a fim de entender o que se passa e as habilidades que deverão ser trabalhadas. Cabe ainda ao professor trabalhar de maneira que ajude a intensificar o aprendizado do educando, com estratégias, meios tecnológicos, materiais adaptados e técnicas adequadas.

Dessa maneira, é importante salientar que para utilizar os meios tecnológicos, estes devem estar adaptados de forma coesa e atrelados aos objetivos propostos pelo professor ao alcance do aluno, e as estratégias pedagógicas devem estar atreladas para contribuir de forma positiva para sua eficiência na aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria. L. P. **Disortografia: compreender para intervir**. Set, 2010. 116f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Educação Especial) – Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Porto. 2010. Disponível em <<http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/740>> acesso em 10 de setembro de 2019;
- AQUINO, I. S. **Como escrever artigos científicos**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2007.
- BARBEIRO, L. **Aprendizagem da ortografia**. Porto: Edições Asa, 2007.
- BOSSA, N. **Disortografia**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pS511C2li3k&index=8&list=PLDxB1Jl8uBmXMXkxh9Hj8ykq4LMmG-ihG>>. Acesso em 20 de novembro de 2019.
- CAMARGO. **Guia para Elaboração de Projetos de Pesquisa. 2.^a revista e atualizada**. Joinville: UNIVILLE, 2006.
- CASAL, C. J. F. **Disortografia: a escrita criativa na reeducação da escrita**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2013.
- COELHO, D. T. **Dificuldades de aprendizagem específicas: Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia**. Disponível em <<http://www.ciec-uminho.org/documentos/ebooks/2307/pdfs/8%20Inf%C3%A2ncia%20e%20Inclus%C3%A3o/Dislexia.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2019.
- CONFORTIN, Helena. Dificuldades na aquisição da linguagem escrita. In: ENRICONE, J; GOLDBERG, (Org.). **Necessidades educativas especiais: subsídios para a prática educativa**. Erechim: Edifapes, 2007.
- FERNANDEZ, A. Y. *et al.* **Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros: Revisão da literatura**. Net. Bauru- SP. Fev. 2010. Seção Scielo. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v12n3/196-09.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2019.
- HUDSON, D. **Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para se trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger, TOC**; tradução de Guilherme Summa. Petrópolis: Vozes, 2019.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

PENTEADO, J. O. A.; PADIAR, G. R. **A disortografia como dificuldade de aprendizagem específica**. São Paulo: CONIC, 2016.

PONÇADILHA, J. C. N. **Disortografia: das concepções de professores e gestores às práticas pedagógicas e medidas educativas**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2016.

SAMPAIO, S. **Dificuldades de aprendizagem: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

SANTOS, L. B. C.; PEREIRA, M. P. R. A. D. **Dificuldades de aprendizagem: concepções e problemáticas contemporâneas**. São Cristóvão: Educon, 2012.

SILVEIRA, T. R. Psicopedagogia: um novo olhar frente a disortografia. **Revista Historiador**, n. 6, janeiro de 2014.

TORRES, R.; FERNÁNDEZ, P. **Dislexia, Disortografia e disgrafia**. McGraw-Hill de Portugal, 2002.